

The background of the cover is a stylized, hand-drawn illustration in black ink on a light blue background. It depicts a coastal town with a prominent castle or fortress on a hill. In the foreground, a large wooden boat with a complex rigging system is shown on the water. The style is reminiscent of a woodcut or a detailed sketch.

VIAGEM E COSMOPOLITISMO

DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO
Ana Isabel Moniz
Joaquim Pinheiro
Leonor Martins Coelho
Alcina Sousa
Cristina Santos Pinheiro

VIAGEM E COSMOPOLITISMO DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO

Ana Isabel Moniz

Joaquim Pinheiro

Leonor Martins Coelho

Alcina Sousa

Cristina Santos Pinheiro

húmus

TÍTULO

VIAGEM E COSMOPOLITISMO: DA ILHA AO MUNDO

COORDENAÇÃO

Ana Isabel Moniz, Joaquim Pinheiro, Leonor Martins Coelho, Alcina Sousa e Cristina Santos Pinheiro

Filiação Institucional dos Coordenadores:

Universidade da Madeira

ASSISTENTE EDITORIAL

Alexandra Nunes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2021

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-610-4

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Abril de 2021

Depósito Legal:

481565/21

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Carmen Soares, Universidade de Coimbra

Eleonora Federici, L'Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"

Fernanda Mota Alves, Universidade de Lisboa

Gaia Bertoneri, Università degli Studi di Torino

Gonçalo Vilas-Boas, Universidade do Porto

Helena Carvalhão Buescu, Universidade de Lisboa

José M. Oliver-Frade, Universidad de La Laguna

José Manuel Esteves, Université Paris-Nanterre

Leonor Simas-Almeida, Brown University

Maria Luísa Leal, Universidad de Extremadura

Marta González González, Universidad de Málaga

Marta Teixeira Anacleto, Universidade de Coimbra

Miguel Ángel González Manjarrés, Universidad de Valladolid

Onésimo Teotónio Almeida, Brown University

Rodrigo Furtado, Universidade de Lisboa

Vitor Magalhães, Universidade da Madeira

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00509/2020.

O Paraíso e Outros Infernos de José Eduardo Agualusa: viagem, cosmopolitismo e utopia

O Paraíso e Outros Infernos by
José Eduardo Agualusa: travel,
cosmopolitanism and utopia

LEONOR MARTINS COELHO

O princípio da mistura quer dizer que as culturas e tradições locais, nacionais, étnicas, religiosas e cosmopolitas se interpenetrem, articulam, misturam:

o cosmopolitismo sem provincianismo é vazio,

o provincianismo sem cosmopolitismo é cego.

Ulrich Beck

Resumo

Publicado em 2018, *O Paraíso e Outros Infernos* acentua, por um lado, a intertextualidade da escrita de José Eduardo Agualusa, desvenda, por outro lado, uma geografia da Relação, permite, por último, (entre)ver o olhar crítico que o escritor tece sobre o contexto global. Nascido em Angola, o escritor valoriza a Viagem, o contacto com o Outro e a (re)descoberta de um mundo cosmopolita e dialogante. Feita de encontros, a sociedade hodierna aponta, também, para desencontros e renovadas distopias. Neste volume de crónicas e de notas diarísticas, sob o signo auspicioso do cosmopolitismo cultural e literário, bem como o signo da gramática do humano, revela-se o modo utópico de entender o(s) mundo(s) em diálogo. Se Agualusa observa autoritarismos e dissonâncias, a sua escrita é motor para um mundo em consonância, quer em termos identitários, quer em termos de construção social e cultural.

Palavras-Chave: viagem, cosmopolitismo, desterritorialização, (des)encontro(s), utopia.

* Universidade da Madeira (FAH) e Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa/
“Viagem e Utopia” (LOCUS).

lfcoelho@staff.uma.pt

Abstract

Published in 2018, *O Paraíso e Outros Infernos* emphasizes the intertextuality of José Eduardo Agualusa's writing while unveiling a geography of Relationships and, ultimately, permits a glimpse into the writer's critical view on the global context. Born in Angola, the writer values Travel, contact with the Other and the (re)discovery of a cosmopolitan and dialoguing world. Made of encounters, today's society also points to disagreements and renewed dystopias. In this volume of chronicles and diary notes, under the auspicious sign of cultural and literary cosmopolitanism, as well as the sign of human grammar, the utopian way of understanding (the) dialoguing world(s) is revealed. If Agualusa observes authoritarianism and dissonance, his writing promotes a world of consonance, be it in terms of identity or in terms of social and cultural construction.

Keywords: travel, cosmopolitanism, deterritorialization, (dis)encounter(s), utopia.

Introdução

Do estoicismo antigo ao ideal moderno que Immanuel Kant desenvolveu, o entendimento do homem cosmopolita altera-se, adequando-se a uma conformação consentânea com as realidades do momento. O homem, enquanto cidadão do mundo, e o mundo, enquanto sociedade global, abrem-se a uma sociedade cada vez mais em diálogo e, sobretudo, em metamorfose constante. O debate contemporâneo, para o qual Jacques Derrida¹ ou Ulrich Beck² têm contribuído com possíveis linhas de força, mesmo que diferenciadas em função de cada área de intervenção dos seus autores, acentua a forma como o fenómeno global pode repensar a cidadania e a democracia internacional, como também revelam uma renovada forma de entender a “cultura-mundo”³. É nesta última perspectiva, mais cultural e literária, do que filosófica, económica ou política, que procuraremos ler alguns textos de José Eduardo Agualusa reunidos no livro *O Paraíso e Outros Infernos*⁴. Nele, o escritor menciona o diálogo com o Outro, sublinhando que, numa era de intensas viagens e de mobilidades humanas, o contacto com a Diferença, a(s) Identidades e a difusão do Pensamento, bem como a circulação de escritores e de livros ganham renovados sentidos.

Publicado em abril de 2018 pela Editora Quetzal, o volume reúne entradas de um diário do autor e crónicas publicadas na imprensa. Diga-se, desde já, que a crónica, enquanto texto breve em prosa, na sua ligação aos *media*, mantém o seu vínculo com

1 Derrida 1977.

2 Beck 2004.

3 Serroy & Lipovetsky 2011. Utilizamos aqui a expressão “cultura-mundo” não tanto como crítica aos efeitos negativos da Globalização padronizada, mas como processo em devir da cultura e da identidade que, na interação entre proveniências diversas, combatem a uniformização da contemporaneidade dissonante.

4 Agualusa 2018.

o *chronos* e a História. A diarística acentua esta escrita relacionada com o tempo revelando, ainda, um pendor mais confessional e (auto)biográfico do texto. Estas problemáticas estão claramente anunciadas pelo escritor que procura refletir sobre o espaço cultural e literário da atualidade, examinar os múltiplos cenários políticos globais, desvendar particularismos e perigos de enclausuramento identitário, redimensionar as múltiplas pertenças do indivíduo, abrir a reflexão para o espaço da interação e para o tempo das influências recíprocas. Numa nota final, encontra-se a seguinte explicação:

Os textos deste livro foram reescritos a partir de crónicas publicadas no jornal brasileiro *O Globo* e no jornal eletrónico angolano *Rede Angola*. Incluíram-se ainda diversas entradas de um diário que escrevo há mais de trinta anos. Todos estes textos, salvo raras exceções, foram escritos entre 2013 e 2018. Não estão organizados por ordem cronológica. O português que utilizo é o português inteiro, global, que se fala em Angola, no Brasil, em Portugal, em Moçambique, em Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe, na Guiné-Bissau, Timor-Leste, Galiza e Goa. É a minha língua⁵.

Cidadão de um mundo em reconstrução constante, como se dá a ver José Eduardo Agualusa neste livro e que, em parte, a afirmação anterior já contempla? Num mundo que não anula fronteiras, mas antes as interroga, numa sociedade que não destrói identidades, mas antes as recria na relação com a(s) alteridade(s), como pode este livro contribuir para este espelhamento do diálogo, da interrogação nas múltiplas vertentes e categorizações? Através dos trilhos da Comparação, da Relação e do Encontro, propomos uma leitura que destaque o cosmopolitismo cultural, literário e identitário relevado por Agualusa, salientando a importância que a viagem adquire nesse processo de interrogação e de (re)conciliação entre o Eu e o Mundo hipermoderno⁶.

Numa sociedade pontuada pelo excesso de natureza vária (identitária, migratória, climática, económica, política), a demanda de comunhão, de partilha e de equilíbrio apresentar-se-á audaciosa em termos de reflexão. Todavia, é nessa complexidade que ela se abre à esperança e à gramática da convivialidade, projetando novas redes e

5 Agualusa 2018: 235.

6 Lipovestky & Sébastien 2011; Lipovestky 2013.

A sociedade idealizada por José Eduardo Agualusa não valoriza o liquefeito, o efémero ou o vazio. A sua escrita prescreve o encontro, o debate e o convívio para que não sejamos “passeadores da cidade”. Numa crónica intitulada “Náufragos na cidade” (Agualusa 2018: 210-212), o autor alerta para os mundos que se isolam e para os habitantes que circulam por trilhos de solidão. Muito embora os habitantes de cidades futuras sejam vistos a deambular com os seus “passeantes”, um renovado sentido de convivialidade e de partilha contraria a disforia da solidão e da era do vazio: “Imagino os passeantes trocando impressões sobre os respetivos passeadores, enquanto recuperam fôlego, por breves momentos, num banco de jardim (...). Eventualmente, os passeantes começaram a prolongar esses momentos de pausa. Começaram a conversar mais uns com os outros. Descobrirão que é possível passear com outras pessoas sem pagar nada por isso – e então sim, teremos uma verdadeira revolução, e os passeadores perderão o emprego” (Agualusa 2018: 212).

conexões. A nossa leitura sublinhará a proposta de (re)conhecimento da Alteridade, a reconstrução identitária pós-colonial em contexto global e a demanda de uma utopia do relacional. Num mundo de circulação cultural, de fronteiras abertas que derrubam muros, o cosmopolitismo, que dialoga com a herança de um passado (ainda recente), que analisa as realidades do momento e que opina sobre um devir, abre-se, sob o signo do espaço transatlântico, à interação dos Indivíduos e à desterritorialização do Pensamento.

1. Cosmopolitismo e Interculturalidade

Em *O Paraíso e Outros Infernos* surgem esboçadas questões de uma cidadania internacional, não tanto com o carácter de jurisprudência kantiana, mas ensaiando o que poderá ser uma sociedade pacífica, relacional e intercultural. De facto, mais do que elencar os princípios orientadores de democracia internacional, José Eduardo Agualusa propõe que o mundo seja palco de encontros, acolha culturas em diálogo, aproxime gentes que circulam por espaços da pluralidade. Nesses debates interculturais, as molduras humanas que (con)formam o colóquio caminham no sentido do respeito, juntam o prazer do intercâmbio, defendem o (re)conhecimento do Outro. Nesse entrelaçar de heranças, a partilha e o interesse apresentar-se-ão como desafios que se colocam à modernidade líquida⁷, desconexa e dissonante. O escritor propõe um mundo de empatia, de possibilidades relacionais e de experiências diversas e enriquecedoras. Sob o signo de uma memória global, europeia, nacional ou local, José Eduardo Agualusa sugere que o património material, imaterial e humano aponte para a Abertura e para o Encontro, afastando-se, assim, de (re)valorizações simplistas e redutoras.

O Paraíso e Outros Infernos apresenta-se como um artefacto complexo. Se, por um lado, os textos se apresentam como crónicas e notas de diário, relevando, assim, a informalidade da escrita cronística ou o intimismo da diarística, por outro lado, a escrita de Agualusa concilia o exercício literário com a vertente ligada à opinião e ao comentário⁸. Eça de Queirós, em *Distrito d'Évora*, classificava a crónica como 'conversa íntima', enquanto António Lobo Antunes caracteriza estes textos publicados, regra geral, na imprensa, como 'prosinhas' que lhe rouba tempo para a escrita do romance. Todavia, a plasticidade destes textos breves permitirá a José Eduardo Agualusa tratar de assuntos que ora podem ser sérios ou divertidos, ora se espriam por esclarecimentos que conformam as realidades do momento. Em todo o caso, o esbatimento das fronteiras genológicas e a escrita feita de ritmos e de melodias fazem jus às modernidades literárias do escritor. Nascido em Angola, mas com o sentido de uma pertença identitária múltipla, assume diversas influências interculturais. O contributo cultural, literário e artístico da lusofonia (de Portugal, do Brasil e de África,

7 Bauman 2001.

8 Sobre a crónica: Rodrigues 2013 e Venâncio 2004. Sobre as escritas autobiográficas: Lejeune 1975.

em particular) está, efetivamente, patente neste livro. Assim acontece, regra geral, em toda a obra do autor.

Espelho de discursos diversos, o livro é marcado pela luminosidade, apesar das inúmeras críticas ao poder político e social, em particular as que revelam a opressão no seu país natal. As viagens, que levam o escritor a percorrer uma geografia de afetos, acentuam a intertextualidade e a interdisciplinaridade da sua escrita. Reconhecendo um património literário e artístico diverso, o autor lembra, não raras vezes, personalidades do mundo da literatura, da música, do cinema ou da fotografia. Convoca Jorge Luís Borges, Emil Cioran, Mark Twain ou Luis Sepúlveda. Assim acontece com Charles Baudelaire ou com Gabriel García Márques. Menciona Mia Couto e Ondjaki. Lembra Maria Bethânia, Chico Buarque ou Cesária Évora. Destaca Jacques Brel ou Leonard Cohen, realçando, também, a voz de António Zambujo. *O Paraíso e Outros Infernos* vem, pois, valorizar o Belo e a Estética em detrimento de qualquer artifício promocional do momento.

José Eduardo Agualusa salienta o talento de Gonçalo M. Tavares, Afonso Cruz, João Tordo, Valter Hugo Mãe ou de Valério Romão, mostrando, como refere na crónica “A nudez dos escritores”⁹, que é possível contrariar a “globalização da indústria livreira e a concentração editorial”¹⁰. São nomes incontornáveis da literatura portuguesa mais recente, o que não invalida o reconhecimento do passado, levando-o a sublinhar o contributo de Eça de Queirós, Fernando Pessoa ou Vergílio Ferreira, entre muitas outras vozes consolidadas. O autor revela que as diferentes artes e as (geo)grafias rizomáticas podem juntar-se num ato de “reliance” e de reconhecimento planetário¹¹. Nesse sentido, as vozes da Harlem Renaissance (Langston Hughes), as tonalidades de um tempo mais atual (Chinelo Okparanta), as palavras de Alaa al-Aswany ou de Achille Mbembe são, de igual modo, convocadas. Por pertencerem a um património-mundo, essas inspirações fazem parte de um referencial aberto, livre e tolerante que se oferece, assim, ao leitor.

Pode o cosmopolitismo, na sua perspetiva cultural e literária, contribuir para uma proposta renovada que afaste particularismos, elitismos e preconceitos? Se considerarmos as múltiplas vozes que atravessam as crónicas de Agualusa, a arte, nos seus múltiplos registos, ultrapassa fronteiras. Ao sublinhar imaginários locais e globais, o

9 Agualusa 2018: 65-67.

10 Agualusa 2018: 65.

11 O sociólogo Roger Clause (1963) legitima o conceito de “reliance” no campo da sociologia dos *media*. Marcel Bolle de Ball 2009, em 1970, repensa o conceito de “reliance” à luz da filosofia, da antropologia e da cultura. Procurando significações plurais e uma dimensão híbrida e complexa, a “reliance” opõe-se à “déliance”, ou seja, à parcelização, à simplificação e ao isolamento. Situando-nos no âmbito do cultural e do identitário, a escrita de Agualusa evita visões redutoras do Mundo e permite compreender a complexidade do pensamento nos meandros da hodiernidade.

livro constitui-se como um desapego a uma centralidade cultural ou literária, optando, por valorizar uma transnacionalização de discursos, gêneros e autorias.

Em *Narrativas do Exílio. Cosmopolitismo além da Imaginação Liberal*, Galin Tihanov¹² aponta para uma nova ordem cosmopolita mundial. Apesar de a sua análise incidir sobre uma cartografia que visa sobretudo reequacionar a literatura dos emigrados russos entre as duas guerras, a sua revisão crítica pode dar a compreender a proposta que se espraia no livro de Agualusa. Nessa mundialização do século XXI, o escritor angolano defende territórios do encontro e do relacional. Contrariando discursos fechados e redutores, o escritor junta cartografias diversas, contraria o isolamento, explora as diversidades do Encontro. Sem negar a vinculação a um sentido de pertença, José Eduardo Agualusa (re)considera o intercâmbio de ideias, desterritorializa o pensamento, aponta para dinâmicas transfronteiriças.

2. (Re)construção identitária pós-colonial e Globalização

A leitura e compreensão de múltiplas paisagens, quer físicas quer humanas, revelam que a obra de José Eduardo Agualusa acentua a problemática da identidade pós-colonial e (re)define sentidos de pertença de modo a espelhar a construção identitária nas suas múltiplas variantes.

Em 1999, Edgar Morin, no livro *Introduction à la Pensée Complexe*¹³, alerta para a importância de se ler e ver o mundo na sua complexidade, afastando-se de uma visão simplificada na forma de equacionar as realidades. A época anuncia-se multidimensional, assim como as identidades se constroem nas alteridades. A construção da identidade pós-colonial resulta de fenómenos não lineares, nos quais se inclui o Eu e o Outro. Espelho de antagonismos e de heterogeneidades, ela implica conciliar contradições, experimentando, ainda, condições territoriais e de fronteira. Compreender-se-á que neste questionamento constante, ela aponte para uma (in)completude do ser.

Num mundo híbrido, a outridade habita-nos e desenha a pluralidade do ser, como recordou Fernando Pessoa na complexa arquitectura da sua heteronímia. A modernidade é diversa, plural e efémera, mas não significa que não possa ser luminosa e relacional. Como refere Galin Tihanov, o cosmopolitismo e a hodiernidade permite identificar particularismos, reconhecer a diferença e constatar a diversidade. O cosmopolita pós-colonial (re)conhece essas relações entre Identidade(s) e Alteridade(s). Partilha, pertença ou diferenciação constituem-se, pois, como experiências de uma cidadania global. Ao invés de ativar conflitos, essa (nova) conformação social e cultural pode assentar numa comunidade intercultural que reconheça heranças e memórias, mas que partilhe de uma visão multiforme e relacional. Afastando-se de uma visão binária do mundo, como de certo modo a definiu Frantz Fanon no livro *Peau Noire*,

12 Tihanov 2013.

13 Morin 1990.

*Masques Blanches*¹⁴, a reinvenção do mundo cosmopolita afasta a exaltação racial e identitária, critica particularismos e populismos, imprime, sobretudo, uma nota utópica no devir da relação.

Ao caminhar pelos trilhos da tolerância, o Homem poderá assegurar um mundo mais harmonioso e diverso, reconhecendo o valor da ‘civilisation de l’arc en ciel’, como a defendera, de certo modo, Léopold Sédar Senghor¹⁵. Sob o signo da gramática da multiplicidade, muito embora os desafios actuais possam ser infinitos e mais complexos, a sociedade procura renovados entendimentos das identidades, em forma de rizoma, como a sustentara Glissant¹⁶.

Ser em trânsito por gosto ou por profissão, José Eduardo Agualusa reflete a multiculturalidade contemporânea, muito embora o preconceito e o efeito de estranheza ainda estejam presentes numa sociedade global. Veja-se, neste sentido, a forma como é visto em diferentes lugares: “Quanto a mim sou meio indiano na Índia, meio malaio na Malásia, de raça indecifrável nos Estados Unidos, e totalmente árabe em qualquer país do Norte de África, na Bélgica, em França, na Alemanha ou na Suécia”¹⁷. José Eduardo Agualusa defende as identidades (em)-mundo¹⁸ porque os territórios dialogantes permitem respeitar a gramática da diversidade humana e os direitos do Homem. À questão identitária pós-colonial, Agualusa acresce a problemática do fenómeno de transracionalidade, a partir, sobretudo, da alusão à ativista Rachel Dolezal. Acusada de usurpar uma identidade negra, esta mulher branca, que ascendeu a um cargo importante no NAACP, pode ou não defender uma origem étnica sem a ela pertencer? Em todo o caso, ela veio provocar o debate em termos de estratificação racial e de reclassificação identitária. Na verdade, não se trata de um fenómeno recente, já que Agualusa recorda a situação contrária com o escritor Anatole Broyard. Talvez essas situações sejam fenómenos de crioulação ou de mestiçagem que marcam, regra geral, a Humanidade¹⁹. De qualquer forma, a crónica “Uma anarquista involuntária”²⁰ permite concluir: “Raça

14 Fanon 1952.

15 Léopold Sédar Senghor refere a fraternidade entre povos e culturas, nomeadamente no poema “Prière de la Paix” incluído em *Chants d’Ombres*, cf. Senghor 1964a. Dedicado a Georges e Claude Pompidou, na quinta e última secção, a voz poética sustenta que os povos da Europa, da Ásia, de África e da América se deem as mãos “DESSOUS L’ARC EN CIEL DE TA PAIX”. Quer na obra poética, quer nos artigos que constituem os livros *Liberté I* e *Liberté III* (cf. Senghor 1964b, 1977), o escritor, e também político, defendeu a civilização do universal, assente na mestiçagem e diversidade cultural.

16 Glissant 1990.

17 Agualusa 2018: 6.

18 Hall 2003.

19 Espiraia-se na escrita de Agualusa a inevitabilidade da hibridação de todas as culturas, como sustentada por Canclini 1989.

20 Agualusa 2018: 90-92.

é um logro, ou, como disse um dia o escritor angolano Luandino Vieira, «a pele é apenas o embrulho da alma»²¹.

A reconstrução identitária, a recriação da memória cultural da colonização e as dinâmicas pós-independência continuam a ser questões relevantes nos dias de hoje, estando, naturalmente, presentes nos textos do escritor. Marcada pela pertença múltipla, confrontada com a complexidade das sociedades multiculturais, a sociedade pós-colonial espelha a globalização ao longo dos tempos e das circunstâncias. Esta interação marca, efetivamente, todas as épocas, como se pode ver na nota diarística datada de segunda-feira, 21 de setembro de 2015: “Os portugueses são, de facto, essa mistura antiga de árabes, judeus e negros. Os brasileiros são a mistura, ainda mais desvaivada, de portugueses, africanos, índios, libaneses, japoneses, etc.”²². Compreender-se-á, também, que o escritor anote a diversidade que distingue o Continente Africano. Numa crónica intitulada “Maravilhosa apropriação cultural”²³, o autor salienta:

A Maior riqueza de África é a sua extraordinária diversidade étnica e cultural. A isto acrescenta-se a curiosidade em relação ao outro, a capacidade em assimilar e integrar expressões culturais alheias, reinventando-as, renovando-as, acrescentando-lhes cor e energia²⁴.

Nesse sentido, José Eduardo Agualusa propõe a aprendizagem da diferença desde a mais tenra idade, porque “amar o próximo é fácil. Gostar do que nos é alheio – isso sim é algo raro”²⁵. Na crónica “Elogio da estranheza”²⁶, o escritor apela, efetivamente, para a desconstrução de estereótipos, de modo a combater as barreiras que se erguem face ao Diferente.

Como refere Lucie Lequin²⁷, o medo é construtor de muros e motor de divisão. Há, pois, que educar para a partilha e para territórios de mestiçagem, promovendo a confluência de formas, sentimentos e desejos. Num mundo global, as identidades não são lineares e as culturas e as sociedades não são estanques. Compreender-se-á que o escritor apele à desconstrução de preconceitos, como patente na crónica “Quando o leão constrói a própria jaula”²⁸. Trata-se de uma crónica que remete para o livro de Kalaf Epalanga significativamente intitulado *Também os Brancos Sabem Dançar*. Fundador dos Buraka Som Sistema, Epalanga anuncia, neste ‘romance musical’, que não é obrigatório perpetuar mitos quando alicerçados nas supostas autenticidades

21 Agualusa 2018: 92.

22 Agualusa 2018: 113.

23 Agualusa 2018: 246-248.

24 Agualusa 2018: 246.

25 Agualusa 2018: 59.

26 Agualusa 2018: 59-61.

27 Lequin 2004.

28 Agualusa 2018: 320-323.

de raça. Claramente em diálogo com o livro *Je Suis Nègre et Je n'Aime Pas le Manioc* de Gaston Kelman²⁹, a recordar, de certo modo, o grito contra a tigridade de Wole Soyinka, a literatura deve contrariar visões essencialistas e redutoras. José Eduardo Agualusa salienta, na nota do seu diário de “Segunda-feira, 15 de fevereiro de 2016”³⁰, que “a literatura pode operar como um mecanismo de reconciliação entre mundos”³¹. Nesta linha de pensamento, o escritor sugere na crónica “A desinvenção do inimigo”³² que a arte, em geral, e a literatura, em particular, são “instrumentos de aproximação”³³. Se as diferentes linguagens combatem intolerâncias, disforias e desencontros, elas permitem re-ligar os indivíduos e, nesse acto de comunicação conjunta, possibilitam ligar a ilha ao continente, bem como a ilha ao mundo.

3. Utopia, idealização e superação

Em *O Paraíso e Outros Infernos*, José Eduardo Agualusa apresenta-se atento ao devir dos tempos, nomeadamente quando tempos e espaços roçam as disforias. Conhecedor da realidade angolana, ciente dos atropelos que as distopias implicam, o escritor alerta para novas atitudes assentes nos autoritarismos governativos. Por um lado, sugere que o Homem deve estar vigilante perante qualquer emergência totalitária. A História demonstrou que à colonização se seguiram poderes neocoloniais, alicerçados no poder económico de cada Indivíduo ou de cada grupo em detrimento da cor da pele³⁴. De facto, o poder é ditado pelo dinheiro, pelas redes de contactos e por quem pactua com a situação. Assim, a primeira crónica “1. Catalogando monstros”³⁵ apresenta-se como uma reflexão sobre as derivas da sociedade. A partir de uma reflexão sobre os grandes desastres de 1755, corroborando as observações do filme dirigido por Dino Risi, Ettore Scola e Mario Monicelli, o escritor alertar-nos-á para a contemporaneidade dissonante:

Os novos monstros caminham entre nós. Alguns movem-se com subtil discrição. Outros são figuras públicas, respeitadas e com enorme influência. Entre todos estes novos monstros há os triviais e aqueles, cujas deformações morais, de tão insufladas, os transformam numa espécie de supermonstros. A impressão que tenho é que esta última espécie se vem propagando de forma inédita e assustadora³⁶.

29 Kelman 2004.

30 Agualusa 2018: 154-156.

31 Agualusa 2018: 155.

32 Agualusa 2018: 212-215.

33 Agualusa 2018: 214.

34 Gates Jr. 1990.

35 Agualusa 2018: 11-14.

36 Agualusa 2018: 13.

A partir de anotações onde regista desastres naturais e conflitos de natureza vária, o autor defende que Angola, Brasil e Portugal não estão na rota dos supermonstros. Em jeito irónico, dir-nos-á que aqui imperam “monstrinhos tresmalhados, desajeitados, sem convicção nem seriedade”³⁷. Um olhar mais denunciador atravessa outros textos de Agualusa, como acontece, por exemplo, na entrada “Terça-feira, 22 de junho de 2010”³⁸. Subintitulada “*Fragmentos de uma entrevista para um blogue literário chamado A Doutra Ignorância*”, o escritor nela afirma:

o que caracteriza os regimes totalitários é precisamente isso – é mais fácil criticá-lo quando se está longe. Não pretendo ser uma autoridade, apenas um cidadão preocupado com os destinos do seu país, e prefiro estar preocupado, mas livre, e capaz de fazer ouvir as minhas preocupações³⁹.

Nestas suas reflexões sobre os riscos do desmoronar da democracia, os princípios de “responsabilidade” e de “esperança”, elencados por Ernst Bloch⁴⁰, adquirem uma importância fundamental. Cabe ao cidadão intervir na *polis*, estar atento às derivas da sociedade e aos atropelos políticos, como sublinha a entrada de “Quinta-feira, 5 de maio de 2016”⁴¹. Atente-se na seguinte observação: “Em democracia, toda a gente tem o direito a expressar as suas ideias. Até mais do que isso: as pessoas devem ser encorajadas a elaborar ideias diferentes e a defendê-las em público. A vitalidade de uma sociedade democrática pode medir-se pela sua diversidade”⁴². Este olhar lúcido também transparece na crónica “Louco é quem não sonha”⁴³, quando o escritor refere: “Uma democracia é tanto mais avançada quanto mais capaz for de combater a corrupção e, em particular, a corrupção da política. Creio mesmo que uma democracia é tanto mais avançada quanto menos ricos forem os seus políticos”⁴⁴. Não será então de estranhar que em “A Consciência do mal”⁴⁵ o escritor venha revelar:

A grande diferença entre um país do terceiro mundo, como Angola, e um país desenvolvido, como a Noruega, é que nos primeiros o horror está à superfície e a beleza se encontra oculta, ao passo que nos segundos a beleza está à superfície e o horror jaz escondido⁴⁶.

37 Agualusa 2018: 13.

38 Agualusa 2018: 43-44.

39 Agualusa 2018: 44.

40 Bloch 2005.

41 Agualusa 2018: 38-40.

42 Agualusa 2018: 39.

43 Agualusa 2018: 163-165.

44 Agualusa 2018: 163.

45 Agualusa 2018: 109-112.

46 Agualusa 2018: 111.

José Eduardo Agualusa vai atestando o perigo, a falta de liberdade e a perseguição que levam à prisão os que contestam o sistema. Neste sentido, os textos que falam de resistência e de denúncia são esclarecedores. Se conhecemos melhor o contributo de Luaty Beirão, outros nomes se erguem contra as democracias amordaçadas, apelando o autor à defesa dos direitos humanos. A escrita de Agualusa evidencia o apoio à democracia, repudia discursos ditatoriais, critica a instabilidade política que acentua “a degradação da economia, e o conseqüente aprofundar do fosso social”⁴⁷. Nesta conformação distópica descrita na entrada “Quinta-feira, 30 de julho de 2015”⁴⁸, a prisão de jovens, a distorção dos acontecimentos junto da opinião pública, a incomodidade do regime são notas de um sistema que constrói monstruosidades. A arte em geral, a literatura, em particular, pode então ter uma função?⁴⁹ Os textos de José Eduardo Agualusa parecem sugerir que a linguagem não serve apenas para “entreter e emocionar as pessoas (...) mas também em inspirá-las...”⁵⁰. Ao referir as letras de Gabriel, o Pensador, o autor sustenta que a palavra pode ser uma arma.

A escrita de José Eduardo Agualusa abre-se a notas utópicas, ao sabor poético, às possibilidades de superação ou de mudança. Apesar de viver numa ilha, o autor não se isola do mundo, apresentando-se reflexivo e prospetivo quanto às sociedades em profunda mutação. A escolha deste lugar, que se aparta do frenesim da sociedade hipermoderna e da produtividade exacerbada da era do cansaço⁵¹, não é fruto do acaso. Lugar de tranquilidade e de convivência multicultural, o espaço insular contraria, de facto, o que pode ser a cultura da decepção⁵² ou a cultura da indiferença da nossa contemporaneidade. Compreender-se-á então que o escritor opte por residir em Muhipiti, a ilha de Moçambique: “Eu já escolhi a minha praia. Fica numa ilha, muito a sul, onde toda a gente se conhece pelo nome. O fim do mundo nunca chegará a um lugar assim”⁵³. Lugar de diálogo e de harmonia, “a Ilha tem sido um magnífico

47 Agualusa 2018: 70.

48 Agualusa 2018: 71-72.

49 Nuccio Ordine, em *A Utilidade do Inútil. Manifesto*, sublinha que a literatura permite revelar os defeitos e contradições de uma sociedade. Ciente que a criação literária não se rege pelo utilitarismo, acredita, contudo, que a literatura pode ter uma função: “justamente por ser imune a qualquer aspiração ao lucro, poderá colocar-se, por si só, como forma de resistência ao egoísmo actual, como antídoto à barbárie do útil, que chegou ao ponto de corromper as nossas relações sociais e os nossos afectos mais íntimos” (Ordine 2019: 31).

50 Agualusa 2018: 78. cf. “O Silêncio do Pensador”, Agualusa 2018: 78-80.

51 Byung-Chull 2014.

52 Lipovestky 2008.

53 Agualusa 2018: 14. cf. “2. A ilha dos poetas mortos”, Agualusa 2018: 14-16. A acção do último romance de José Eduardo Agualusa intitulado *Os Vivos e os Outros* desenrola-se na ilha de Muhipiti, aquando do Primeiro Festival Literário organizado por Daniel Benchimol e Moira, durante o qual vários escritores angolanos de proveniências diversas e cosmopolitas ficam presos na ilha cortada do mundo por uma tempestade.

exemplo de tolerância religiosa, étnica e cultural”⁵⁴. Descrito desta forma, o espaço insular não apaga particularismos, antes os sublinha porque revelam as inúmeras formas e culturas da hodiernidade. Nesse espaço de renovados questionamentos e (in)certezas, bem como nessoutros que percorre aquando das suas inúmeras viagens, o escritor acredita num mundo ideal, mas real, fraterno e inclusivo. Compreender-se-á então que sustente:

CERTAS MANHÃS, ao ler os jornais, aflige-me a dura evidência de que a Humanidade é irremediavelmente má, e que o mundo está à beira da grande catástrofe. No dia seguinte, porém, já me parece o contrário: o mundo talvez esteja, afinal, recomeçando. Talvez estejamos simplesmente na confusa fronteira de um tempo novo, aturcidos pela luz futura, e com alguma dificuldade para nos libertarmos da brutalidade com que, durante milénios, lidamos uns com os outros e com a natureza à nossa volta⁵⁵.

Cabe ao Homem (in)formado estar atento às distopias, de modo a poder continuar a sonhar com uma gramática do humano, como se pode ler na crónica “45. Louco é quem não sonha”⁵⁶:

Mais do que nunca é urgente visitar utopias antigas e projetar novas. (...) É urgente procurar outros caminhos. Sonhar não é Loucura. Loucura, hoje, é não sonhar. Na certeza, porém, de que esses caminhos, esses sonhos, só podem ser encontrados por meios pacíficos e democráticos. A democracia, essa utopia primordial, não pode ser posta em causa. Todos somos poucos para a defender⁵⁷.

Se o sonho comanda a vida, como o relevou António Gedeão, o modo utópico⁵⁸ que permite entrever alternativas é motor de uma História mais luminosa. Por isso, José Eduardo Agualusa sustenta “A liberdade é um vício que se entranha”⁵⁹, levando-nos a acreditar numa cidadania solícita e numa sociedade cosmopolita repleta de ‘sonhadores voluntários’⁶⁰. Por essa mesma razão, dir-nos-á na entrada “Segunda-feira, 19 de junho de 2017”⁶¹:

54 Agualusa 2018: 242. *cf.* “75. A escolha de Muhamed”, Agualusa 2018: 241-243.

55 Agualusa 2018: 109-110. *cf.* “A consciência do mal”, Agualusa 2018: 109-112.

56 Agualusa 2018: 163-165.

57 Agualusa 2018: 164-165.

58 Kumar 1987.

59 Agualusa 2018: 38. *cf.* “Quinta-feira, 28 de abril de 2016”, Agualusa 2018: 37-38.

60 Expressão que subtraímos, em parte, a um romance de Agualusa 2017.

61 Agualusa 2018: 264.

As pessoas...têm medo de manifestar qualquer opinião que fuja da norma. Têm medo de falar alto, de rir alto, de pensar alto. Enfim, têm medo de existir demais. Então existem diminutamente, dissimuladamente, invisivelmente. O medo roubou-nos a individualidade. O medo rouba-nos a vida⁶².

Consciente do dever da humanidade e desejoso de um mundo cosmopolita, o Homem, reflexivo e prospetivo, abre-se à utopia do relacional e da aprendizagem do diverso.

Conclusão

As múltiplas reflexões que atravessam as crónicas e as notas diarística inseridas em *O Paraíso e Outros Infernos* espelham o desejo do Encontro, o questionamento sobre épocas de transnacionalização, a crítica a sistemas totalizantes. Denunciam atropelos e sublinham, também, uma vontade de superação. A partir de três figuras cimeiras da cultura ocidental (Borges, Garcia Marquez e Sartre), sustentada no discurso de desconstrução paródica, a escrita de José Eduardo Agualusa refere na crónica “54. O Paraíso e outros infernos⁶³” a seguinte dualidade: “Não há Paraíso, afinal, que não seja também o Inferno. O que para uns é maravilhoso, para outros afigura-se um perpétuo tédio ou um prolongado horror⁶⁴”. Ao dialogar, ainda, na entrada “Segunda-Feira, 16 de março de 2016⁶⁵” com a ideia de que “o inferno são os outros⁶⁶”, numa clara alusão à peça *Huis Clos* de Jean Paul Sartre, o escritor angolano apresenta a face e o reverso da Utopia, sublinhando, contudo, que é com o Outro que o caminho da Humanidade se deve percorrer. Neste livro polifónico, a herança de situações de exílio, quer físico quer mental, e a convivência problematizada em contexto atual são questões que permitem a José Eduardo Agualusa interrogar o mundo, o poder da ilha (da sua ilha), o encontro com a Diferença. Nesta escrita da interconexão, ao questionar dissonâncias e ao propor renovados mundos, o autor apela a uma contemporaneidade harmoniosa e dialogante. O conjunto de textos que se espriam em *O Paraíso e Outros Infernos* espelham, pois, a Utopia do Ser-Mundo e a demanda de um Mundo-Outro.

Bibliografia

Fontes

Agualusa, J. E. (2018), *O Paraíso e Outros Infernos*, Lisboa.

Agualusa, J. E. (2017), *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários*, Lisboa.

62 Agualusa 2018: 266-267.

63 Agualusa 2018: 188-190.

64 Agualusa 2018: 190.

65 Agualusa 2018: 180-181.

66 Agualusa 2018: 180.

Estudos

- Bauman, Z. (2001), *A Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro.
- Beck, U. (2004), *Der kosmopolitische Blick oder: Krieg ist Frieden*, Frankfurt.
- Bloch, E. (2005), *O Princípio Esperança*. vol. 1 e vol 2, N. Schneider & W. Fucks (trad.), Rio de Janeiro.
- Bolle de Ball, M. (2009), «Éthique de reliance, éthique de la reliance: une vision duelle illustrée par Edgar Morin et Michel Maffesoli», *Nouvelle Revue de Psychosociologie*, 8: 187-198. Consultado a 19 de Novembro, 2020, em <https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-de-psychosociologie-2009-2-page-187.htm>
- Byung-Chull, H. (2014), *A Sociedade do Cansaço*, Lisboa.
- Canclini, N. G. (1989), *Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de la modernidad*, Cidade de México.
- Clausse, R. (1963), *Les Nouvelles: Synthèse critique*, Bruxelas.
- Derrida, J. (1977), *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort!*, Paris.
- Fanon, F. (1952), *Peau Noire, Masques Blanches*, Paris.
- Gates Jr., H. L. (1990), “Pós-facio”, in Z. N. Huston. *Their Eyes Were Watching God*. Nova Iorque.
- Glissant, E. (1990). *Poétique de la Relation*, Paris.
- Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro.
- Kelman, G. (2004). *Je suis noir et je n'aime pas le manioc*, Paris.
- Kumar, K. (1987). *Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*, Oxford.
- Lejeune, P. (1975), *Le pacte autobiographique*, Paris.
- Lequin, L. (2004). “un rendez-vous hors de...”, *Textos e Mundos em Deslocação*, tomo 1, *Cader-nos de Literatura* 14/15, Porto, 271-285.
- Lipovestky, G. (2013), *A Era do Vazio. Ensaio. Sobre o Individualismo Contemporâneo*, Lisboa.
- Lipovestky, G. (2008), *A Sociedade de Deceção*, Lisboa.
- Lipovestky, G. & Sébastien, C. (2011), *Os Tempos Hipermodernos*, Lisboa.
- Morin, E. (1990), *Introduction à la Pensée Complexe*, Paris.
- Ordine, N. (2019), *A Utilidade do Inútil*. Manifesto, Matosinhos.
- Rodrigues, E. (2013), *A Crónica Jornalística – Século XIX*, Lisboa.
- Senghor, S. L. (1964a), *Chants d'Ombre*, Paris.
- Senghor, S. L. (1964b), *Liberté I (Négritude et Humanisme)*, Paris.
- Senghor, S. L. (1977), *Liberté III (Négritude et Civilisation de l'Universel)*, Paris.
- Serroy, J. & Lipovestky, G. (2011), *A Cultura-Mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*, Lisboa.
- Tihanov, G. (2013), *Narrativas do Exílio. Cosmopolitismo além da Imaginação Liberal*, São Paulo.
- Venâncio, F. (2004), *Crónica Jornalística – Século XX*, Lisboa.